

OS RISCOS DA MODERNIDADE E O LÍDER CARISMÁTICO THE RISKS OF MODERNITY AND THE CHARISMATIC LEADER

Mateus Ramos Cardoso¹

Resumo: Este artigo tem o objetivo de refletir sobre alguns progressos e contradições trazidos pela modernidade, como os riscos provenientes do avanço da técnica, e, também, perceber como em nosso mundo os resultados não foram sempre tão benéficos. Com este texto se pretende perceber a importância do líder carismático no meio de todo este mundo de situações, percebendo, também, a importância da compreensão deste conceito no mundo contemporâneo, procurando ver o percurso histórico do carisma e o seu desenvolvimento bem como, a sua ligação com os momentos de crise. Por fim, buscaremos perceber o papel do político sob a perspectiva do carisma. Neste ponto que esta pesquisa será direcionada em perceber a importância do conceito do carisma para nosso contexto e procurar entender até que ponto o líder carismático, a saber, o político moderno, pode apontar ou não caminhos possíveis, suprimindo ou não, os vazios deixados pela ciência e técnica.

Palavras-chave: Ciência. Técnica. Instabilidade. Carisma. Político Moderno.

Abstract: This article has the purpose to reflect about some progress and contradictions posed by modernity as risks to the technical advancement, and also to perceive how in our world the results were not always so beneficial. With this writing we intend to understand the importance of the charismatic leader in the variety of situations of this whole world, realizing, too, the importance of understanding this concept in the contemporary world, seeking the historical view of charisma, its development and its connection with the moments of crisis. Finally, we will seek to understand the role of politics from the perspective of charisma. At this point this research will be directed to realize the importance of the concept of charisma, to try to understand our context and to extent this concept to the charismatic leader, namely, the modern politician, pointing possible paths or not, supplying or not, the gaps in science and technique.

Key-words: Science, Technique, Instability. Charisma. Modern Political Person.

¹ Especialista em Ética e Filosofia pela Finon- Faculdade do Noroeste de Minas. E-mail: teus33@yahoo.com.br

Introdução

Este texto tem a intenção de analisar o período moderno ou pos moderno, percebendo de maneira sutil as contradições próprias deste período, de maneira a entender, não as contradições em si, mas, em que medida podem existir soluções para ela. Ele buscará apontar um caminho para a questão de quem poderia assumir a responsabilidade de nos guiar em tempos tão exigentes. Por isso, num primeiro momento, analisaremos alguns riscos da modernidade, como se caracterizariam períodos irracionais, e, portanto contraditórios com a própria intenção do progresso técnico. Em seguida estudaremos o conceito de carisma bem como o conceito de líder carismático. Iremos finalizar refletindo como o líder carismático como uma figura presente em vários períodos da história, chegando ao período contemporâneo, na imagem do político moderno.

1. O líder carismático

Para aprofundar a reflexão sobre a idéia de carisma é preciso por o olhar naquilo que esta ao redor do surgimento de um líder, das realidades que antecedem e fazem surgir a necessidades de um líder carismático. Afinal, somente se conhece o perfil de um líder carismático, olhando o que está ao seu redor, o “adubo” que o faz crescer. O perfil do líder é moldado e adequado aos anseios sociais que o circunda, como resposta aquelas angústias, incertezas e instabilidades sociais, tão comuns e vigorosas ao modo de ser moderno. Tem-se certeza de que não se consegue uma reprodução fiel desta tensão no quadro histórico do carisma. Mas, a tentativa é de rastrear os lugares onde existem possibilidades para o seu surgimento, para assim compreendê-lo melhor, estudando-o no seu lugar de origem. Dentre os autores que ajudam a compreender a fragmentação e a instabilidade da realidade, podemos recorrer a Zygmunt Bauman, quando ele, ao analisar nossa contemporaneidade, verifica uma fragmentação generalizada daquilo que era capaz de promover a segurança e a liberdade dos seres humanos, lembrando sempre, que estes dois elementos são fundamentais, “*não seremos humanos sem segurança ou sem liberdade*”. Esta rede de fatores encontra-se robustamente entrelaçada e enraizada, sendo que seu suporte está, principalmente, em dois centros:

a) As pessoas perderam as âncoras sociais que lhes garantiam segurança e promoviam a suas liberdades por um processo de liquefação e fragmentação. No entanto, o ser humano precisa de tais âncoras e, em razão disso, surgiram novas instituições, substitutos daqueles meios convencionais

outrora abandonados (adequados ao atual modelo de sociedade líquida²), exercendo a mesma função do anseio fundamental, sempre existente. Acontece que uma série de fatores, oriundos do *modo de ser* daquilo que ele chama “modernidade líquida”, que provocou ranhuras frontais em quase todas as instituições que eram instrumentos necessários a almejada existência social harmoniosa, dentre elas, como a perspectiva de comunidade. É como se estivéssemos andando sobre o gelo. Se pararmos, o gelo quebra e afundamos: por isso corremos. Nosso chão é frágil e está prestes a quebrar, por isso sempre corremos atrás de algo que possamos nos fixar, cada vez mais sabendo que não encontraremos tal lugar. Isto gera insegurança. Esse mar de instabilidade e liquidez parece ser o chão sociológico e que serve, somado a outras tantas rupturas sociais, ao surgimento dos líderes que, cientes desta realidade, movem-se antevendo os perigos (ou não), face as fissuras no chão da nossa realidade. A promoção de um estado de *caos* é essencial para roubar do homem sua capacidade de decidir e pensar racionalmente, tornando-o alvo fácil de manipulação e direcionamento e, fomentando a criação de líderes direcionadores de tais “*massas de manobra*”. Assim é fácil concluir: “e o que acontece se alguém promete o sonho que a sociedade nega diariamente?” (BAUMAN, 2003, p.129). Existe ainda uma necessidade natural de se viver em comunidade:

Ao contrário de colunas em marcha, os enxames não precisam de sargentos ou cabos; encontram seu caminho sem a colaboração do estado maior e de suas ordens. Ninguém lidera um enxame em direção aos campos floridos e ninguém precisa repreender os preguiçosos para trazê-los de volta à coluna. **Quem quiser manter o enxame na direção correta deve se ocupar das flores, e não de uma a uma das abelhas.** É como se o bicentenário oráculo de Claude Saint-Simon e de Karl Marx tivesse virado verdade: o manejo dos seres humanos está sendo substituído pelo manejo das coisas (e esperam-se que os homens sigam as coisas e ajuste suas próprias ações a essa lógica). (BAUMAN, 2003, p. 115)

Assim, o líder não precisa preocupar-se em manejar as massas, mas sim os seus sonhos e, quando assim faz, movimenta toda a massa na direção daquilo que mais querem! Diante disso, o líder quer centralizar o seu modo de agir no sonho mais profundo de cada indivíduo, mais profundamente irá direcionar este mesmo indivíduo. Não se precisa cuidar das massas, mas os desejos que mais queimam em seus corações. Desta maneira a própria história se encarrega de mostrar que “o indivíduo humano não é auto-suficiente e não pode ser autoconfiante. Não se pode condenar a si mesmo: é preciso ser guiado, e dirigido, e informado do que fazer.” (BAUMAN, 1997, p. 228)

Na perspectiva analisada, o ser humano é desligado das amarras que o impediam de andar, o próprio ser humano se deparou com um deserto: a sua plena liberdade. Todavia, o ser humano

² Com a quebra da idéia de comunidade (segurança), os seres humanos buscaram a solução para tal crise na individualidade (identidade), contudo, a identidade sob a ótica da modernidade líquida, é frágil, superficial, nunca sólida, fazendo surgir às identidades cabide: que nada mais é do que a identidade sob a ótica do consumo: você a usa enquanto ela lhe ser útil e trazer satisfação, acabando qualquer um destes dois elementos, você abandona a identidade, buscando outra que melhor lhe satisfaça.

não sabe o que fazer com ela, nem com as inseguranças que lhe são empurradas cotidianamente pelos meios sociais que o circunda. Esta situação, longe de trazer apenas soluções, arrasta com seu desenvolvimento muitos riscos, como o da liberdade, uma vez que as minhas decisões podem se tornar um risco para outros indivíduos, e o contrario também é verdadeiro. Outro problema que contraria a total positividade da nossa contemporaneidade, é que ela geralmente se associa com a quebra das perspectivas sociais tradicionais, e com o surgimento de novas tecnologias, aumentando a produção. Contudo, o processo de modernização da produção provocou também instabilidade devido aos riscos que as novidades tecnológicas trouxeram, devido grande parte ser introduzido na sociedade sem uma reflexão prévia:

O mundo encontra hoje em uma disposição ao perigo que se expressa, mais claramente na ameaça nuclear³, tanto na sua variável civil (uso da energia nuclear e produção de resíduos tóxicos) como militar (existência de ogivas nucleares na mão de diversos estados territoriais capazes de extinguir várias vezes qualquer vida na terra. (BRUSEKE, 2001, p.31)

Soma-se a isto o problema da poluição industrial, a alimentação com resíduos químicos, aumentando assim, os riscos a saúde. Assim, é importante entender que o

Mau uso da liberdade deveria levar em consideração que o medo do caos, da anomia, da desordem etc. sempre foi um chão fértil – estimulado pela saudade da segurança, da ordem e do enraizamento em valores firmes – para movimentos políticos que, por sua vez já demonstraram a sua virulência desastrosa em outros contextos históricos. (BRUSEKE, 2001, p.41)

Assim, pode-se perguntar até que ponto o líder carismático, a figura do político, pode ser uma resposta aos vazios, a instabilidade construída na modernidade? A resposta estaria no fato de que momentos de crise favorecem o surgimento de novos ideais, uma vez que os vigentes já não estejam sendo suficientes: “É exatamente a vinculação dos temores com as profundezas do nosso ser que nos faz vulneráveis a projeções políticas que prometem afastar o temível.” (BRUSEKE, 2001, p.42)

³ “Entre os elementos radioativos, contidos nos elementos de combustível queimado nas usinas nucleares, e os rejeitos das instalações de recuperação atômica encontram-se os estrôncio-90, rutênio-106, o iodo-129, o iodo 131 e o plutônio-239. este último, o plutônio-239, é extremamente tóxico e tem uma meia vida de 24.390 anos, o que significa que depois de 24.390 anos o plutônio ainda possui a metade de sua radioatividade atual.” (...) “Fica bem claro o tamanho do risco que o uso da tecnologia nuclear produz para os contemporâneos e para as gerações futuras.” (...) A alta modernidade adicionou o risco ambiental ao risco social e individual, nesta dimensão desconhecida até então. (Bruseke, 2001, p. 49)

2. O carisma em Weber

Para Max Weber, o carisma possui uma íntima ligação com a necessidade de ordem, desta maneira, o líder carismático avulta de modo especial no caos do povo. Assim, os efeitos da guerra, as revoluções alemãs de 1918-19 despertaram em Weber novas questões, como o interesse pelo carisma, “Em parte devido a preocupações pessoais e parcialmente devido a motivos políticos, a noção de carisma começou a fascinar Weber”. (TOTEF, 2005, p. 191).⁴ Outra preocupação dele é de que as gerações mais jovens estavam sendo também muito influenciada pelos novos demagogos com seu carisma. Por isso, cabe, antes, entender o significado do carisma para a compreensão do tema, apresentando os seus traços gerais. Carisma é uma palavra derivada do grego “charisma”, que quer dizer, dom, graça. Assim, o carisma não é algo que se conquista, mas, compreendido como uma realidade extracotidiana, onde poderes e qualidades sobrenaturais são atribuídos a determinadas pessoas.

Entende-se político como aquele que está relacionado com a satisfação das necessidades da vida cotidiana, por outro lado, o “*carismático*” está relacionado com as necessidades que vão além do cotidiano. Daí serem eles considerados “portadores de dons físicos e espirituais específicos, considerados sobrenaturais (no sentido de não serem acessíveis a todo mundo).” (WEBER, 2004, p. 323). Aquele que possui o carisma, mas, o carisma puro, livre de toda instituição, realiza tarefas que, segundo sua própria vontade, acredita ser adequada, exigindo obediência e submissão dos seus seguidores. Para tanto, necessita que sua ação possua êxito. Então, ele precisa demonstrar provas pessoais de que o que realiza é fora do comum, sobrenatural. Uma vez que o que realiza é em virtude de possuir um dom, um presente divino. O carisma, portanto, “determina-se por fatores internos e não por ordens externas.” (WEBER, 2004, p. 324).

Aqui, encontra-se na perspectiva weberiana um dos elementos pertencentes a irracionalidade do conceito carisma, sendo que para se obtê-lo, não se exige uma disciplina racional, um reconhecimento do Estado, mas, sim, de um grupo de seguidores. Não existe “*certificado*” de carisma, ou se tem, ou não se tem! O carisma não depende de ordens e estatutos, nem de costumes tradicionais, mas, apenas precisa que suas ações, como já citado, tenham êxito. Aquele que possui o carisma precisa, então, realizar milagres, concretizar atos heróicos, e acima de tudo, provar que ele é um enviado pelos deuses. Interessante notar que o líder carismático se sente chamado e desejado por Deus. Dando um pulo na história encontramos semelhante posição num dos personagens históricos mais marcantes: “Por isso, acredito agora que ajo de acordo com as prescrições do criador onipotente. Lutando contra o judaísmo, estou realizando a obra de Deus.”

⁴ “Partially because of personal concerns and partially because of political reasons, the notion of charisma began to fascinate Werber”.

(HITLER, 2004, p. 53). Com isso se percebe que este assunto atravessa a história e tem poder para chegar até nossos dias.

No modo genuíno do carisma, ele está ligado com ambiente de revolução, de transformação. É revolucionário porque busca romper com todas as normas que sejam tradicionais ou racionais, sempre vendo a forma carismática como um agir que busca solucionar conflitos. “O poder do carisma (...) fundamenta-se na fé em revelações e heróis, na convicção emocional (...). Esta fé revoluciona os homens “de dentro para fora” e procura transformar as coisas segundo se quer revolucionário.” (WEBER, 2004, p. 327). Desta maneira, o pensador alemão argumenta que a dominação carismática se realiza no interior do indivíduo, realizando nele uma metanoia, uma transformação no modo de pensar por parte dos dominados: “Neste sentido, puramente empírico e não valorativo, é o carisma de fato o poder revolucionário especificamente “criador” da história. (WEBER, 2004, p. 328).

Contudo, a “pureza” do carisma vai sendo afetada, de modo que ele vai sofrendo uma espécie de transformação, perdendo suas características primitivas, ocorrendo uma objetivação do carisma, de modo especial, quando vão surgindo às instituições ou vai crescendo a perspectiva racional, uma vez que ele vai recuando à medida que estes poderes institucionais vão aumentando. Assim, há uma diminuição do alcance de sua ação individual. A princípio a experiência carismática está fortemente desligada de toda institucionalização, uma vez que estes são independentes de qualquer mecanismo regular de organização. Contudo, com o tempo perde suas bases transcendentais, e vão cessando seu poder quando vão surgindo sempre mais os especialistas, que são taticamente superiores a tão conhecida veneração carismática feita aos heróis.

Estaria o líder carismático fadado ao fim? Não. Sendo que “condições extraordinárias podem fazer com que o carisma triunfe sobre a organização.” (WEBER, 2004, p. 341). “O líder carismático é um tipo que aparece somente em tempos caóticos.”⁵ (TOTEF, 2005, p.191). Aqui a reflexão ganha mais força, pois, Weber percebe que historicamente a dominação carismática ganha força exatamente nos momentos de crise: “Em tempos normais, o poder do chefe da aldeia é exatamente reduzido, com funções quase exclusivamente arbitrais e representativas.” (WEBER, 2004, p. 342). Não significa que o poder carismático fique anulado, mas, em tempos de crises, tende-se muito mais a necessidade de um líder carismático, uma vez que ele é próprio da realidade extracotidiana, esta é sua natureza.

Por isso, o carisma foi dando passos em direção das instituições, foi penetrando nelas, embora não sendo mais visto em sua forma pura. Poderia o carisma sobreviver dentro de uma estrutura racional, como o é o Estado moderno? Weber diz que sim. Ele apresenta esta possibilidade sobre a imagem de “demagogo”, ou seja, “O político carismático, um produto da

⁵ “The charismatic leader is a (...) type who appears only in chaotic times.”

cidade-estado ocidental.” (WEBER, 1995, p. 355). Logo, interessa perceber como Weber entende o político, vendo sua ligação com a perspectiva carismática. Pois, segundo o próprio autor “a dominação carismática não se limita de modo algum, às fases primitivas do desenvolvimento” (WEBER, 2004, p. 342). Então, torna-se necessário notar como Weber percebeu a importância sociológica do conceito de Carisma, observando suas implicações política, que não se prendem necessariamente a um contexto histórico. Portanto, para entender o conceito de carisma, é preciso tomá-lo também no seu lugar de origem, mas, acima de tudo vendo a sua continuidade “as ramificações do líder carismático, em círculos religiosos, em cenários sociais, bem como nos grupos políticos.”⁶

3. Carisma e política

Com isso temos uma grande chave de interpretação para a política atual. Porque não há como estudar este conceito em si, isolado, uma vez que ele não surge isolado. Assim, para compreendê-lo é preciso estar atrás dele, nos caminhos de seu percurso histórico, percebendo até onde suas ramificações se estendem. E exatamente realizando este caminho que nos deparamos com o político, e na sua análise, principalmente fundamentada em Weber, podem-se aprofundar suas perspectivas. Seguir esta linha de pensamento é perceber que a realidade carismática chega até a modernidade, e como já apresentado, se percebe que o político moderno, enquanto um líder carismático e uma vez que mesmo dentro de um partido, um determinado político pode apresentar traços do carisma.

Entende-se que a dominação é uma característica de qualquer Estado, e é fundamental para o desenvolvimento do mesmo que o povo se submeta a esta autoridade, pois, esta é a condição para que o estado exista. Aqui a dominação carismática também é conhecida. No estado moderno existe também, além da dominação legal, fundada na validade de estatutos, em regras racionais, a dominação exercida pelo poder do carisma. Portanto, sob esta ótica é depositada no político uma devoção e confiança desde que ele demonstre qualidades prodigiosas: “Tal é o poder “carismático”, exercido (...) no domínio político (...) pelo soberano escolhido através de um plebiscito, pelo grande demagogo ou pelo dirigente de um partido político.” (WEBER, 2007, p. 57).

Na antiguidade seguia-se o líder carismático devido a sua eficácia, que significava acima de tudo, recompensas, os seguidores de um partido moderno, naturalmente, também esperam que o triunfo de seu líder de a eles compensações, sejam elas posições políticas ou determinadas vantagens. Contudo, é preciso entender a marca carismática no político moderno, uma vez que

⁶ “The ramifications of the charismatic leader in religious circles, in social settings, as well as in a political groups.”

seguir-lo não significa apenas a necessidade de recompensas. O que caracteriza o carisma nisso tudo é a própria atitude deste seguir. Uma satisfação que vai além da satisfação econômica:

Do ponto de vista psicológico, uma das mais importantes forças motoras que possa contar o partido político reside na satisfação que o homem experimenta por trabalhar com a devoção de um crente em favor do êxito da causa de uma personalidade e não apenas em favor das abstratas mediocridades contidas num programa. É exatamente nisso que consiste o poder “carismático do chefe.” (WEBER, 2007, p.89).

Existe uma espécie de satisfação por parte dos seguidores, uma espécie de “trabalho por amor” ligado ao líder político. Lembrando também que um elemento irracional, é o fato de que este seguir se faz devido a forte impressão que o líder causa em seus seguidores. Aqui existe um sentimento maior do que simplesmente seguir ordens, existe um “amor ao líder”. Claro que Weber não defendia apenas a capacidade de impressionar o público, o que levaria apenas a uma ação que alvoroçasse as ruas, mas, com a mesma rapidez que isto ocorre, desapareceriam seus seguidores e seus motivos. Assim ele chega a falar dos políticos *bolhas de sabão* “que se elevam rapidamente, para logo estourar.” (Weber, 2007, p. 103). No dizer de Weber, estes, não teriam a vocação para a política. Eles poderiam ser meros interesseiros que vivem da política, e não para a política, ou seja, não fazendo dela apenas a possibilidade de se beneficiar, mas, possuindo uma motivação interior que o levasse a entregar a causa política toda sua força.

Assim, Weber apresenta três elementos para um homem político, caracterizando melhor a compreensão do carismático moderno. Ao lado da paixão, que seria uma fonte necessária da ação, estaria também o sentimento de responsabilidade que daria ao político uma correta direção do seu agir. O contrário disso seria para a vocação do político “O pecado contra o Espírito Santo de sua vocação...” (Weber, 2007, p. 107). Assim, haveria simplesmente um desejo de poder, sem uma preocupação com a causa política, com a necessidade de satisfação das precariedades de um sistema, não restando ainda mais que uma *exaltação pessoal*. Obviamente que o próprio pensador alemão apresenta que todo aquele que caminha para a política, caminha em direção ao desejo de poder. Mas, aqui ele acrescenta que este deve ter um objetivo que vá além dos individuais. Temos, então, dois pecados mortais na política: “não defender causa alguma e não ter sentimento de responsabilidade.” (Weber, 2007, p. 107). O que caracterizaria no dizer de Weber um político narciso, superficial e medíocre. O terceiro elemento para o agir político é o senso de proporção, quer dizer, mesmo com toda a dedicação política, mesmo que o seu “demônio” interior lhe motivasse, ele precisaria saber manter certa distância, possuindo calma interior. Assim, a paixão, movimenta o político, o sentimento de responsabilidade o guia, e o senso de proporção é o peso na balança, que impede de chegar a extremos que não sejam propriamente políticos, como por exemplo, vaidade, que seria a consequência de uma exaltação pessoal, um agir do poder pelo poder.

No estado moderno ele também precisa ter êxito, mas, isso depende também de uma boa organização do sistema político, ou seja, não somente a eficácia de sua ação, como a do guerreiro carismático, que apenas precisava vencer, ele não pode apenas contar com sentimentos que lhe inspirem pessoalmente, mas, também seus partidários. Desta maneira, e somente através da política, para Weber, é que se alcançaria resultados, como a paz internacional. Portanto, o demagogo precisa mais do que boas idéias, mais do que um especialista, mais do que um racionalista, bem mais do que apenas movimentar as massas, precisa ir além, necessita da “soberana competência do olhar, que sabe ver as realidade da vida, e a força da alma que é capaz de suportá-las e de elevar-se à altura delas.” (Weber, 2007, p. 121).

Contudo, para que o demagogo moderno o seja considerado de fato um líder com carisma, ter a vocação para a política, faz-se necessário que o mesmo seja capaz de suportar as instabilidades deste mundo, a estupidez deste mundo, sendo aquele que sabe guiar a humanidade em meio aos riscos da modernidade, em meio as suas perspectivas irracionalizantes. Somente este tem a vocação política : “Somente aqueles com grande paciência e grande entendimento, tem a política como "Beruf".⁷ (TOTEF,2005,p. 198)

Conclusão

Ao finalizarmos esta pesquisa, concluiu-se que instabilidade do mundo moderno demonstra a necessidade de segurança, uma vez que o progresso que deveria trazer tal benefício, mostra-se como uma faca de dois gumes. Sob esta perspectiva, analisou-se a necessidade por liderança, por algo ou alguém que nos indique por onde ir. Diante dessa argumentação, apresentamos a imagem do líder carismático, que teve sua raiz em determinados momentos históricos, revestindo-se de diversas figuras, como a do mágico, a do profeta, ou do chefe guerreiro. Mas, encontra na modernidade espaço para atuar, sendo visualizado, no político moderno. É no político moderno que Weber deposita confiança para guiar o indivíduo. Obviamente ele apresenta um político um tanto ideal. Contudo, mostra caminhos para o mesmo seguir para que seja caracterizado como possuindo a vocação da política. O objetivo deste artigo foi de apresentar uma proposta para a reflexão frente aos riscos da modernidade, vendo no político uma saída para as dificuldades contemporâneas. Muito embora, ele não seja a única saída, mas, aqui se evoca tal imagem, acreditando que a política destituída dos interesses que não são o interesse próprio, pode se propor a guiar a humanidade em meios aos períodos mais críticos, apontando caminhos.

Do caos de uma sociedade surge um líder Carismático e a partir da epifania dessas habilidades o indivíduo acaba sendo reconhecido naturalmente e exaltado, por aqueles que

⁷ “... only those with great patience and great understanding have the poticial ‘Beruf’ ”.

testemunham os seus primeiros “milagres”. Só há Líder Carismático, se houver esse magnetismo entre o Líder e seus seguidores. O fenômeno do líder Carismático está intrinsecamente relacionado no âmbito da política e da religião.

Poderia se perguntado! Hoje porque não temos revelações de líderes, com características marcantes feito a personalidade Hitler? O grande fator de impedimento é a institucionalização da nossa política moderna, ou seja, a burocratização como diria Weber dificulta o aparecimento do líder carismático. Tomemos como exemplo o Brasil, uma pessoa só pode ingressar na vida política segundo a aprovação de um estatuto fornecido pelo partido. Assim o futuro político deve trabalhar de acordo com as normas estabelecidas pelo seu partido.

Mas isso necessariamente não significa que o líder Carismático foi extirpado de nossa realidade política totalmente. Podemos perceber-lo sim, não de maneira marcante feito a de Hitler, mas na apresentação de características semelhantes

BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-estar da Pós-Modernidade**. R.J., Jorge Zahar, 1997.
- _____. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- COHN, Gabriel. **Weber**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2001.
- FREUND, Julien. **Sociologia de Max Weber**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2006
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da Modernidade**. São Paulo: UNESP (Editora da Universidade Estadual Paulista), 1991.
- SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia Clássica**. Itajaí: Edifurb, 2002.
- TOTEF, C. A. **Max Weber's Charisma**. In: Journal of Classical Sociology. V. 5, p189-204. 2005;
- PIERUCCI, Antônio Flávio. **O Desencantamento do mundo: Todos os passos do conceito em Max Weber**. São Paulo: 34 2003.
- WEBER, Max. A ciência como Vocação: In: **Ensaio de sociologia**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. P. 154-183.
- WEBER, Max. **Ciência e Política: duas vocações**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- _____. **Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: UnB, 2004. 2 vol.
- _____. **Ensaio sobre a Teoria das Ciências Sociais**. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2003.
- FRANZ, J. B. **A Técnica e os Riscos da Modernidade**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2001.
- HITLER, Adolf. **Minha Luta: Mein Kampf**. 3ª ed. São Paulo: Centauro, 2004.